

Digitalizado pela Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/index:edelweiss>

FREDERICO G. EDELWEISS

//

ESTUDOS
TUPIS E TUPI-GUARANIS
CONFRONTOS E REVISÕES

LIVRARIA BRASILIANA EDITORA
RIO DE JANEIRO
1969

Português	Vlb.	Vpb.	Dpb. e Dbp.
vela (de barco)	— aob-usú	— sotinga	— sotinga ⁽¹²⁷⁾ ;
velar	— ker-eyma	— ker-eyma	— nitio o ker ⁽¹²⁸⁾ ;
verde	— oby, (s-, r-)	— oby, (s-, r-)	— akyra ⁽¹²⁹⁾ ;
vesgo	— esabanga	— ro	— torotó ⁽¹³⁰⁾

⁽¹²⁷⁾ — O nome tupi para vela de embarcação foi algo instável. O Vlb. já traz dois termos: *aob-usú* e *ok-usú*, o último dos quais considera impróprio. *So-tinga* é outro usado no Norte. Entre *so(soba)* e *aoba* parece haver certo contato etimológico.

⁽¹²⁸⁾ — Enquanto *ker-eyma* significa literalmente *não dormir*, a expressão brasileira *nitio o ker* significa *ele não dorme*.

⁽¹²⁹⁾ — Veja as notas 13 e 116. *Oby* designa a côr, enquanto *akyra é verde* no sentido de *imaturado* (fruta etc.) pelo menos no tupi.

⁽¹³⁰⁾ — Em tupi, *ro* significa *(ólho) vasado, furado, e não vesgo*. O termo brasileiro é a pronúncia indígena da palavra portuguesa *torto*.

II

DIGRESSÃO EM TÔRNO DAS FORMAS NOMINAIS

- A. — Da origem do adjetivo tupi.
- B. — Do infinitivo tupi.
- C. — A desinência *a* dos nomes e verbos paroxítonos tupis.

A. DA ORIGEM DO ADJETIVO TUPI.

Um dos capítulos mais interessantes da língua tupi é o que apelidamos de bicategoricidade dos nomes⁽¹⁾ e que tem causado certa surpresa entre o limitado círculo dos afeiçoados à lingüística indígena da América, embora apenas no desdobramento da tese houvesse algo de original.

Lastimamos então, que o setor, ao qual se restringia o estudo, não permitisse exame detido de outras facetas de bicategoricidade na gramática tupi, que nos entremostrem o desenvolvimento do adjetivo e do verbo, em geral.

Referimo-nos, porém, entre outros fatos dignos de reparo, ao diminuto número de adjetivos, designados como tais no Vlb: dos jesuitas⁽²⁾ e ao forçado sentido verbal, que Anchieta confere aos verbos intransitivos adjetivados⁽³⁾.

Retomemos, pois, o fio das nossas afirmativas feitas à p. 71 de *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi*, a respeito dos substantivos e adjetivos.

Não cremos que possa haver grande divergência quanto ao desenvolvimentô do sentido nominal, que então preconizamos, embora não fôssemos muito explícito no que tange aos abstratos⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ — *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi*; principalmente os parágrafos VIII e X do capítulo V.

⁽²⁾ — *Idem, Ibidem* — Cap. V § X.

⁽³⁾ — *Id. Ibid.* — Cap. V § VIII.

⁽⁴⁾ — *Id. Ibid.* — p. 71.

Completaremos agora o nosso pensamento.

1. O substantivo concreto precedeu necessariamente o sentido adjetival correspondente, que o pressupõe:

oba (s-, r-s-)	— fôlha;
oba (r-, s-)	— enfolhado, verdejante, que tem fôlhas;
esay (t-, r-, s-)	— lágrimas (=água dos olhos);
esay (r-, s-)	— lagrimoso, choroso (=olhos aguados);
pinima	— pinta, malha;
pinima	— salpicado, malhado (=que tem pintas, malhas).

Mas, o vocabulário jesuíta já não se limita a concretos. Aparecem os primeiros nomes abstratos e com muitos deles a indicação nítida da sua trajetória semântica, impondo a conclusão de que:

2. Grande parte dos adjetivos e substantivos abstratos representa o desenvolvimento final de um conceito inicialmente concreto e de alcance geral, em que o sentido qualificativo ainda aparece ligado a um substantivo vago como *cousa*, *lugar*, *pessoa* etc. (5).

No correr dos tempos a combinação desses substantivos concretos de qualidade com outros substantivos específicos devia necessariamente isolar mais e mais o puro sentido adjetival.

Ex.

kaẽ	— <i>cousa tostada, coisa moqueada</i> ;
pirá kaẽ	— <i>peixe, coisa moqueada > peixe moqueado ></i>
kaẽ	— <i>moqueado</i> .

3. Do adjetivo assim isolado, uma abstração, nasce naturalmente, em muitos casos, o conceito substantival abstrato.

O *Vlb.* entremostra ainda a primeira fase desse desenvolvimento iniciado antes da chegada dos europeus, mas grandemente acelerado pela catequese.

Vejamos alguns exemplos tirados do próprio vocabulário tupi dos jesuítas:

anama	— <i>coisa grossa (pano, tábuas, papel) > grosso, espesso > grossura, espessura</i> ;
mukú(p-)	— <i>coisa comprida ></i>

(5) — Compare o capítulo "O sufixo verbal *aba* no tupi e no guarani".

puku	— <i>comprido ></i>
muku(6)	— <i>comprimento</i> ;
myatã(p-)	— <i>composto de: mby, py — pé, atã — duro, resistente: pé-duro ></i>
pyatã	— <i>resistente, vigoroso ></i>
myatã(6)	— <i>fôrça, resistência, vigor (dos pés)</i> ;
pytuna > putuna	— <i>noite(7) ></i>
pytuna	— <i>escuro > escuridão</i> ;
roba	— <i>coisa amarga > amargo > amargor</i> .
tanhẽ (r-, s-)	— <i>pessoa apressada > apressado > pressa</i> .
tinga, morotinga	— <i>coisa branca > branco > brancura</i> ;
etc. etc.	

Não podemos furtar-nos a citar, em conexão com o exposto, *Charles F. Hockett — A Course in Modern Linguistics*, que à página 223, alude a um processo de todo ponto idêntico, no *armênio*, uma língua indo-européia, e no *geórgico*, que pertence a um grupo diferente, ao caucasiano. A coincidência é realmente surpreendente.

4. Em alguns termos registrados no *Vlb.* com sentido inicial abstrato, o substantivo parece oriundo de infinitivo e nestes casos o adjetivo nada mais é do que o emprêgo adjetival do infinitivo intransitivo ou intransitivado:

terapûana (r-, s-)	— <i>fama</i> ,
de: tera (r-, s-)	— <i>nome (de pessoa) e</i>
pûana	— <i>passar à frente, ultrapassar</i> ,

ou seja: *o propagar-se do nome de uma pessoa, na acepção literal, e daí fama > afamado*.

5. Embora tratemos dos infinitivos a seguir, em capítulo separado, a visão de conjunto aconselha o frisarmos aqui ainda, que todos os infinitivos têm mais propriamente cunho substantival simples, sem qualquer idéia acessória:

atã	— <i>o andar, o caminhar</i> ;
nheenga	— <i>o falar</i> ;
mondó	— <i>o mandar, o enviar</i> ;
tyma	— <i>o plantar, o enterrar</i> .

(6) — O *m* inicial que se transmuda em *p*, é inicialmente um índice de classe superior e tende a tomar sentido substantival absoluto.

(7) — O *y* tupi transforma-se amiúde em *u*. Aqui a diferença de grafia fixa o sentido: *putuna* — *noite*; *pytuna* — *escuro, escuridão*.

O infinitivo tupi não se distingue no particular de muitas outras línguas.

Faceta mais específica do tupi constitui, porém, o fato de poder o verbo conjugado, tanto o intransitivo, como o intransitivado por meio dos índices de classe *mbaé* e *poró*⁽⁸⁾, tomar sentido adjetival expresso pela simples mudança do pronome verbal para o pronome absoluto:

a gûatá	— eu ando,
xe gûatá	— eu (sou) andante;
eré nheeng	— tu falas;
nde nheeng	— tu (es) falante ⁽⁹⁾ .
oi mondó	— êle o manda,
i poromondó	— êle (é) mandante (de gente);
o tym	— êle o planta,
i mbaètym	— êle (é) plantador (de cousas) ⁽¹⁰⁾ .

6. Quanto à adjetivação dos substantivos compostos recomendamos a leitura do capítulo V. § IX — pp. 80-92 de *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi*.

Os aspectos assim focalizados devem compreender, a quase totalidade das fontes, donde emanam os adjetivos tupis.

B. O INFINITIVO TUPI

O infinitivo do verbo tupi é a forma nominal de um verbo, caracterizada pela desinência átona *a* nos paroxítonos, ou sem distinção alguma nos oxítonos.

Quanto à sua classificação o infinitivo tupi em nada se distingue, pois, do português e, assim sendo, nada nos autoriza a negar ao infinitivo tupi a sua condição verbal. O verbo sempre se opõe em sua essência ao nome pela natureza dos seus semantemas, que indicam os processos, quer se trate de ações, de estados, ou de passagem de um estado a outro⁽¹¹⁾. O que o infi-

(8) — *Poró* (moró) é outro índice de classe superior e *mbaé* o seu correspondente de classes inferiores.

(9) — Compare *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi*, pp. 71, 79 e 80.

(10) — Não cabem aqui referências aos participios em *mi* (*mbi*) e *pyra*, que são formas passivas derivadas.

(11) — *Câmara Jr., Joaquim Mattoso* —; *Dicionário de Fatos Gramaticais*; verbetes *Nome e Verbo*.

nitivo tem de comum com os substantivos não provoca, pois, qualquer confusão das duas classes⁽¹²⁾, já que os semantemas nominais tem valor estático e os nomes representam cousas, sejam elas objetos concretos ou noções abstratas⁽¹¹⁾.

A pouca atenção que se tem dado a essas particularidades fundamentais também levaram alguns estudiosos do tupi a só considerar verbo a forma que se apresenta com o pronome verbal específico: *a*, *eré*, *o* etc. o que, evidentemente, é uma deturpação arbitrária, no que diz respeito aos verbos paroxítonos, que diferem no particular dos terminados em vogal acentuada, de forma única.

O infinitivo dos oxítonos não se altera ao contato com o pronome verbal⁽¹³⁾, enquanto os outros, todos paroxítonos e terminados em *a*, perdem essa desinência na conjugação, isto é, ao se ligarem aos pronomes verbais, simples nos intransitivos e acompanhados do seu objeto direto nos transitivos:

meenga	— dar,
aí meeng	— (eu o dou), eu o dei;
ybõ	— frechar,
a nhybõ ⁽¹⁴⁾	— (eu o frecho), eu o frechei;
ausuba	— amar,
a sausub	— (eu o amo), eu o amei;
oka	— arrancar,
a fook (a io-ok)	— (eu o arranco) eu o arranquei;
tyma	— enterrar, plantar;
a nhotym (a nho-tym)	— (eu o planto), eu o plantei.

Dizer que *sem* significa *sair*, e que *meeng*, *ok*, *tym* se traduzem respectivamente por *dar*, *arrancar* e *plantar* é uma falsificação dos cânones tupis, porque: *sem*, *meeng*, *ok* e *tym*, isoladamente, não existem. Não há nenhum caso em que essas formas apocopadas aparecem desligadas do pronome verbal no tupi.

Se o *Vlb.* dos jesuítas traduz:

(12) — *Jespersen, Otto* —; *The Philosophy of Grammar*; Chapter VI, § *Verbs*. — Principalmente o final do parágrafo.

(13) — O costume antigo de se ligar o pônimo ao verbo fez com que alguns gramáticos denominem de *prefixos* os pronomes verbais simples ou combinados com o seu objeto pronominal direto.

(14) — Razões articulatórias e gráficas aconselham a combinação do objeto direto, representado pelo pronome oblíquo da terceira pessoa, com o pronome sujeito, se for *i*, e com o verbo, sendo representado por *nh*, *s-ío*, *nho*.

sair por *acem* (a sem),
 dar por *aimeeng* (ai meeng),
 arrancar por *ajoooc* (a iook) e
 plantar por *anhotym* (a nhotym),

imita a praxe latina ao citar a primeira pessoa do indicativo presente, o que naquela época era plenamente justificado; porém, nenhum compêndio jesuítico traz qualquer forma verbal apocopada sem o competente pronome verbal, porque é tão só por efeito da sua presença que o verbo tupi se apocopa.

Em português, como alhures, o infinitivo é, pois, a forma nominal dos verbos caracterizada pela terminação⁽¹⁵⁾.

Em tupi, os verbos terminados em vogal tônica são invariáveis. Todos os demais terminam em *a* átono, que distingue a forma nominal dos verbos tupis paroxítonos.

Ora, se em outras línguas citamos os verbos pela sua forma nominal, porque essa aversão a procedimento idêntico no tupi, onde em muitos verbos, em todos os oxítonos, a forma verbal não se diferencia da nominal?

Evidentemente, há nisso muito de influência guarani, de ressaibo dos ensinamentos de Batista Caetano de Almeida Nogueira e seguidores, que, desconhecendo o cunho mais arcaico do tupi viam formas primigênicas, onde amiúde apenas há desenvolvimento mórfico dialetal.

C. O A FINAL DOS NOMES E VERBOS PAROXÍTONOS TUPIS

Aryon Rodrigues procurou lançar o termo *nominalizador* para a desinência *a*, que caracteriza formas nominais paroxítonas.

Diz êle:

“O *a* nominalizador forma nomes *derivados* de temas terminados em consoante”⁽¹⁶⁾.

Três linhas antes, como para justificar êsses *derivados*, inclui a desinência *a* entre os sufixos.

Por mais nos esforçássemos para coadunar a realidade tupi com êsse termo, não conseguimos furtar-nos à impressão de haver no seu nascedouro algum ranço latino haurido nos compên-

⁽¹⁵⁾ — Câmara Jr., Joaquim Mattoso — *op. cit.* verbete *Infinitivo*.

⁽¹⁶⁾ — *Contribuição para a Etimologia dos Brasileirismos. Revista Portuguesa de Filologia; vol. IX, tomos I e II p. 11.*

dios tupis antigos reforçado por certas formas guaranis, tão perigosas, por vêzes, às interpretações tupis.

O *a* final átono é, sem dúvida, o distintivo tupi de substantivos, de infinitivos, de adjetivos absolutos e epítéticos mas não vemos como se possa ver derivação em tais palavras.

Ao falarmos em nomes derivados admitimos implicitamente palavras primitivas afins, às quais o sufixo acrescentaria uma idéia acessória.

Ora, tais primitivos tupis não existem, nem o *a* final pode, assim, modificar-lhe o sentido inicial.

Como ficou dito acima, o adjetivo tupi procede, sem modificação na forma, dos substantivos concretos, de raros abstratos, de verbos intransitivos e dos intransitivados por meio dos índices de classe *poró* e *mbaé*.

Exemplo:

saba	— pêlo, peludo;
ieïoka	— soluço, soluçante;
piriana	— listra, listrado ⁽¹⁷⁾ ;
nheenga	— falar, falante,
mbaëkuaba	— saber (cousas), instruído.

Portanto, o que se verifica aí é um caso de *derivação impropria*, ou seja o emprêgo de uma palavra de certa classe em outra, sem alteração mórfica⁽¹⁸⁾.

Os adjetivos paroxítonos conservam essa desinência *a* do absoluto, mesmo em sua função atributiva e a perdem tão somente na predicativa:

poranga	— bonito, belo;
itá poranga	— pedra bonita;
itá i porang	— a pedra é bonita ⁽¹⁹⁾ .

Se no terceiro exemplo *porang* deixasse de ser adjetivo, teríamos um caso de *derivação regressiva*; porém, como isso não se dá, só poderemos falar em *flexão* por meio de apócope.

Em tupi *porang* não existe como vocábulo autônomo; só aparece acolitado pelo pronome absoluto, da mesma forma que não existe verbo terminado em consoante ou semivogal sem estar precedido do pronome verbal, ainda mesmo tendo outro sujeito nominal.⁽²⁰⁾

⁽¹⁷⁾ — Compare o nosso “*Caráter da Segunda Conjugação Tupi*”, pp. 73-78.

⁽¹⁸⁾ — Câmara Jr., Joaquim Mattoso —; *op. cit.* verbete *derivação*.

⁽¹⁹⁾ — *Caráter da Segunda Conjugação Tupi*; p. 86, 2.º.

⁽²⁰⁾ — *Ibidem*; p. 86/7, 2.º e 3.º.

Engano similar cometem aquêles que vêem no infinito paroxítono tupi um derivado da forma verbal finita.

Em ambos os casos a origem dessa apreciação deve ser procurada na maneira pela qual Anchieta⁽²¹⁾ e Figueira⁽²²⁾ encavaram o assunto e que parece ter a sua confirmação no guarani, onde geralmente essa desinência *a* não aparece.

Os nossos guaranimanos, imbuídos na ilusória prioridade do guarani, que se apoia muito mais no volume dos seus compêndios do que no peso dos fatos lingüísticos, de longa data⁽²³⁾ vêm ditando regras aos pusilânimes e mal amparados afeiçoados ao tupi. Dêstes, por cúmulo de males, alguns ainda têm dado atenção incompreensível ao tal *nheengatu*, que, rotulado de tupi, vem sendo impingido aos incautos como antiga prata de lei.

O que no particular mais espanta é que até figuras da envergadura de Antenor Nascentes se deixem impressionar pela empáfia simplista de um Constantino Tastevin⁽²⁴⁾, a despeito das advertências de autoridades como Curt Nimuendaju e outros⁽²⁵⁾.

Mas, até no guarani antigo, onde os índices de classes já se vão obliterando e onde é bem notória a deturpação do sufixo verbal *aba*, os infinitos e nomes apocopados são mera evolução regressiva de formas graves, propensas a caírem ali em desuso.

Se, por exemplo, o vocábulo guarani

nheẽ — falar, palavra, língua

fôsse primitivo, como se explicaria o grupo consonantal *ng* em compostos como

nheeng-atã — falar ásperamente, palavras duras, tanto no guarani como em outros dialetos?

Quanto ao aparecimento ocasional do *a* átono nas formas nominais oxítonas terminadas em consoante, Restivo justifica-o no guarani com a seguinte explicação⁽²⁶⁾:

(21) — *Arte de Gramática*; ff. 26v. e 27.

(22) — *Arte de Gramática*; pp. 105/06

(23) — Desde as manifestações de Batista Caetano de Almeida Nogueira, nos *Ensaios de Sciencia*, de 1876 em diante.

As suas idéias tiveram grande divulgação pela publicação do *Vocabulário e Esboço Gramatical*, nos volumes 6 e 7 dos *Anais da Biblioteca Nacional*, em 1879.

(24) — *Gramática da Língua Tupi*; in: *Revista do Museu Paulista*; tomo XIII, São Paulo, 1922.

(25) — Compare: Herbert Baldus — *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*; São Paulo, 1954; verbete n.º 1627.

(26) — *Gramática de la Lengua Guarani*; p. 173.

“..... *i ang* — sua alma, ou *i anga* por aquela regra universal que todo nome, que acaba em consoante, pode receber *a* breve” (= átono)⁽²⁷⁾.

Essas formas nominais paroxítonas de desinência *a* eram, pois, consideradas simples duplicado das oxítonas acabadas em consoante. Restivo desconhece a sua origem, como também parece ignorar a razão de determinados acréscimos consonantais como:

ng a *nheẽ*, formando *nheeng*, ou

m a *sẽ*, formando *sem*.

Não há nisso nada de surpreendente, para o tempo, porque só poderia justificá-los através do tupi, cujas formas, evidentemente mais arcaicas *nheenga* e *sema* ostentam, não apenas as tais consoantes, mas também o *a* final, que no tupi ainda é o índice nominal único das formas paroxítonas.

Quando a memória de um fato lingüístico começa a claudicar, como em *sã* — corda (no tupi *sama*) ocorrem trocas de consoantes, em guarani, que, etimologicamente, são injustificáveis. Sirva de exemplo a palavra *sandog* — desatar, composta de *sã* — corda e *og* — tirar. Ora, sendo *sama* a forma integral de *sã*⁽²⁸⁾, a composição correta de *sã+og* deveria ser *sambog*⁽²⁹⁾ em guarani, de acôrdo com o tupi *samboka*, corretamente de *sama* mais *oka*.

Alentada série de casos similares demonstram o quanto é falaz a tão apregoada primitividade das formas monossilábicas do guarani.

Em resumo, no tupi, o *a* final dos nomes e infinitivos paroxítonos é uma desinência nominal indispensável. Não existem formas nominais (substantivos, adjetivos e infinitivos) terminados em consoante. Os adjetivos e verbos acabados em consoante estão em função predicativa e nunca ocorrem desacompanhados do respectivo pronome, ainda mesmo tendo outro sujeito.

(27) — Mais de acôrdo com os fatos seria concluir: “porque todo nome guarani, que hoje acaba em consoante, já teve um *a* final atônico, que permanece no tupi.

(28) — A forma *sama* aparece também no guarani em compostos como *itã-sama* — corrente (lit. corda de ferro).

(29) — O *m* final do termo antecedente combina-se com o *b* (= *mb*) quando o termo seguinte começa por vogal.